



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9886 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

GÊNERO, CLASSE, RAÇA E FORMAÇÃO EDUCACIONAL EM JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

Euridice Hespanhol Macedo Pessoa - FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UERJ

Denize de Aguiar Xavier Sepulveda - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

GÊNERO, CLASSE, RAÇA E FORMAÇÃO EDUCACIONAL EM JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Resumo:

Julia Lopes de Almeida publicou cerca de 40 obras entre 1886 e 1934. A escritora consta da lista dos intelectuais que planejaram a fundação da Academia Brasileira de Letras e, no entanto, não pode fazer parte da mesma por ser mulher. A metodologia usada é o paradigma indiciário de Ginzburg. O texto escolhido para este estudo é o romance “A falência” e faz parte de uma pesquisa em andamento. O interesse é encontrar pistas, indícios e sinais sobre as questões de gênero, classe, raça e formação educacional que possam estar relacionadas às realidades históricas do início do século XX.

Palavras chave: Literatura, Interseccionalidade, gênero, História das mulheres.

GÊNERO, CLASSE, RAÇA E FORMAÇÃO EDUCACIONAL EM JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.

Julia Lopes de Almeida nasceu a 24 de setembro de 1862 na província do Rio de Janeiro e faleceu 30 de maio de 1934, na cidade do Rio de Janeiro, capital da república. Filha de Valentim José Silveira Lopes e de Antônia Adelina Lopes. Aos 19 anos, estreou no periódico “A Gazeta de Campinas”, no entanto, foi em Lisboa que Júlia fez sua primeira edição como escritora, junto com sua irmã Adelina, lançou o livro Contos Infantis, em 1887. Um ano depois, casou-se com o poeta e jornalista português Francisco Filinto de Almeida (1857 - 1945), no mesmo ano publicou Traços e Iluminuras. Em 1889 publicou seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, em forma de folhetim. Desde então passou a escrever para jornais e revistas. Foi certamente uma das primeiras romancistas brasileiras, sua criação literária abarca vários gêneros: contos, texto para teatro, crônicas, etc.

A obra de Julia Lopes de Almeida alcançou muito sucesso em vida, mas teve seu nome quase esquecido alguns anos após sua morte. A romancista famosa nas primeiras décadas do século XX, não faz parte do cânone literário brasileiro.

O Rio de Janeiro foi cenário da maioria de suas ficções. Tanto as classes da elite quanto as classes populares foram pano de fundo para a construção dos seus enredos, como em *A Falência*, publicado em 1901 (LOBO, p. 162). Julia ministrou conferências e palestras sobre a mulher brasileira; militou nas sociedades femininas no Rio de Janeiro. Obteve reconhecimento literário dos escritores da época. Seu nome está entre os intelectuais que integraram o planejamento para a criação da Academia Brasileira de Letras - ABL, tendo sido cogitada para ser membro fundador. Segundo De Luca:

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) atingiu a virada do século XIX para o século XX unanimemente considerada a mais importante mulher-escritora do Brasil, chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis e precedeu a eclosão do movimento modernista. Mas o verdadeiro endeusamento da autora no primeiro quartel do século XX contrasta com seu esquecimento pelos nossos contemporâneos - situação de se lamentar principalmente quando nos lembramos que defendeu pontos de vista abertamente feministas. (DE LUCA, Leonora, 1999 p.1).

Este estudo é parte de uma pesquisa em andamento e pretende trazer questões sobre gênero, classe, raça e formação educacional através do romance *A falência*, que tem como um dos principais personagens o português Teodoro que veio para o Brasil e com esforço consegue enriquecer. Casa-se com Camila, moça de origem humilde. O casamento trouxe para a família da noiva a solução para os problemas financeiros pelos quais passavam. Segundo Mazza:

Na tradição ocidental judaico-cristã, a figura feminina foi considerada como algo frágil, que deveria, portanto, ser protegida pelo pai, marido ou irmão mais velho. De modo que o casamento era um ritual que passaria a mão da filha para os cuidados, agora, do marido. (MAZZA, Luan, 2016, p.1).

A narrativa expõe a “necessidade” do casamento para a vida da mulher como solução para obter respeito e segurança. Segundo Bourdieu em “A dominação masculina”, a divisão social existente entre os sexos tem como origem um olhar que “adquire todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2002, p. 17). A “máquina simbólica” acha campo fértil no comportamento cultural. Através da repetição dos discursos, os padrões sociais são reproduzidos até serem pronunciados com naturalidade, instala-se certo conformismo e as afirmações sucessivas de tais modelos acabam por determinar a segregação dos gêneros.

Quando entrou em sua nova casa, na Rua da Candelária, a moça recém casada não observou tudo que lhe esperava, foi direto para uma sacada e murmurou: “Se ao menos se visse o mar...” (ALMEIDA, 2019, p.85). Com o reaparecimento de Sodomita na vida de Teodoro, este cobriu de infidelidade a esposa, sentindo-se conformado pelo fato de nada faltar a Camila, por dar-lhe uma vida de luxos. Nesta altura, a família já residia num palacete em Botafogo e a filha mais velha do casal, Ruth, dedicava-se aos estudos e principalmente ao violino. É no palacete de Botafogo que o romance apresenta o Dr. Gervásio Gomes, médico da família e amante de Camila.

A partir do terceiro capítulo surge como tema a infidelidade feminina. Segundo

Borelli:

O adultério era, portanto, uma força desagregadora e destruidora, mas revestido de uma importância diferente para homens e mulheres. O discurso jurídico considerava o adultério masculino um deslize aceitável, pois os filhos ilegítimos não traziam desonra ao pai. No que tange ao adultério feminino, as implicações seriam mais graves, pois, a mulher adúltera introduzia a prole ilegítima no seio do casamento e trazia desonra ao marido. (BORELLI, 2020, p. 09)

Apesar dos riscos, confirmando a força mencionada por BORELLI (2020), Camila mantém o relacionamento extra conjugal durante toda a narrativa.

Numa visita ao Barco do comandante Rino, a irmã do comandante, Srta. Catarina, pergunta a Teodoro se ele é a favor da “emancipação da mulher”. São palavras de Teodoro em visita ao Netuno, diante de todos, inclusive de Camila, sua esposa:

__ Minha senhora, eu sou da opinião de que a mulher nasceu para mãe de família. Crie os seus filhos, seja fiel ao seu marido, dirija bem a sua casa e terá cumprido a sua missão. Este foi sempre o meu juízo, e não me dei mal com ele, não quis casar com mulher sabichona. É nas medíocres que se encontram as Esposas (ALMEIDA, 2019, p 72).

Sobre a citação acima, nota-se o domínio do pensamento patriarcal como regime de verdade. Nestas relações, o romance põe em cena as mulheres pobres, mostrando que estas sempre trabalharam, a exemplo de Noca, trabalhadora da casa de Camila. Sobre ela, o texto revela pistas que apontam para certo grau de exploração. As mulheres descendentes de África, foram submetidas em sua maioria a aceitar trabalho nas casas de família após a “libertação”, servindo em tempo integral sob um regime sem apoio legal e sem horários de descanso, segundo Gonzales:

Ser mulher e negra no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (...), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes médias e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. (GONZALEZ, 2020, p. 58)

Se a mulher negra enfrentava sofrimentos, as mulheres brancas, apesar dos privilégios, eram mantidas em espaços discriminados e marcados. Na página 69 do romance em questão, o personagem Francisco Teodoro diz com todas as letras que “A mulher nasceu para mãe da família. O lar é seu altar; deslocada dele não vale nada!”. Judith Butler analisa e expõe o pensamento patriarcal diante da determinação que limita espaços específicos para o feminino nas abordagens culturais, sociais e políticas:

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros.... (BUTLER, 2019, p.22.)

Em outras palavras, a mulher a qual Francisco Teodoro se refere é a mulher das classes da elite, porque as mulheres das classes populares enfrentam, historicamente, duas jornadas de trabalho. Por esta razão, BUTLER alerta para os contextos de “classe, raça, etnia e outros...”.

Em *A Falência* (ALMEIDA, 2019, p. 24) temos a cena das “*pretinhas velhas*” que recolhiam o café que caía das sacas pelas calçadas e com isso faziam numerário para suas sobrevivências. A cena é um flagrante, mostrando que as mulheres das classes populares, em sua maioria descendentes de escravizados, frequentavam o espaço público e inventavam a vida de forma a garantir sustento.

Outro fator interessante da obra é o parágrafo que relata sobre a formação educacional para as mulheres das elites no início do século XX, mostrando que Nina recebeu oportunidade de “alguma” instrução. Mas como o próprio texto revela, o colégio de pensionista oferecia o que vem a ser chamado de “instrução prática”:

Aos doze anos conservava o seu ar estúpido e humilde; não conhecia uma letra; mas ensinava as criadas novas a varrerem a casa e a porem a mesa com perfeição. Como o Mário lhe batesse um dia com os arreios do seu cavalo de pau, Francisco Teodoro resolveu pô-la em um colégio de pensionista, recomendando uma instrução prática, nada ornamental. (ALMEIDA, 2019, p. 94).

Segundo SEPULVEDA (2020) não podemos considerar que no início do século XX a “instrução prática” era a única possibilidade de formação para as meninas, uma vez que ao seu lado conviviam escolas fundadas por ordens religiosas; escolas mantidas por pessoas leigas, ensino ministrado por preceptoras para as filhas das elites, assim como processos de educação e instrução transmitidas pelas mães, tias e avós para as meninas das classes populares. Reafirmando este contexto, temos em LOURO:

Seria uma simplificação grosseira compreender a educação das meninas e dos meninos como processos únicos, de algum modo universais dentro daquela sociedade. Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. (LOURO, 2011, p. 444).

Os objetivos educacionais para as meninas e jovens eram diferentes de acordo com suas classes sociais. No caso das meninas e jovens das classes populares, o alvo era a aprendizagem de atividades domésticas, na agricultura ou nos ofícios práticos nas cidades. (SEPULVEDA, 2020).

Nos últimos capítulos, Francisco Teodoro é enganado por um especulador chamado Inocência e vai à falência. Desesperado, comete suicídio na presença de Camila. Daí a razão do título “A falência”.

Após a tragédia, a família mudou-se para uma casa na Rua D. Luzia. Seis mulheres unidas para um reinício, auxiliadas pelas mãos dedicadas de Noca e Nina.

O primeiro ganho surgiu de um aluno conseguido por Noca para ter aulas de violino com Ruth. É neste momento que a educação formal fala mais alto em todo o romance, por ser Ruth a única mulher com alguma formação naquele recomeço. Camila, rejeitada pelo Dr. Gervásio, apodera-se da nova realidade e tudo dá a entender que assume a vida e a liderança daquela família composta por seis mulheres.

Dialogando com SEPÚLVEDA & SEPÚLVEDA (2019), a ideologia do machismo ainda precisa ser combatida. Os estudos de gêneros, recentes na historiografia das sociedades ocidentais, trazem reflexões para mudanças que serão necessárias empreender.

Concluindo, as tensões sociais relacionadas ao poder do patriarcado dominante, foram

respaldadas por um discurso reproduzido ao longo do tempo e formaram e reformaram as diferenças relacionadas às questões de gênero, classe, raça e formação educacional presentes em “A falência”.

A importância da obra de Júlia Lopes de Almeida com protagonistas mulheres é a prova de que sua pena usou a ficção a ponto de chamar a atenção para a realidade destinada ao universo feminino em inícios do século XX.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Cláudio Lopes de. *D. Julia abril/2018*. [arquivo pessoal]. Rio de Janeiro, 2018. CD-ROM

ALMEIDA, Julia Lopes de. *A falência*. São Paulo, Penguin-Companhia das letras, 2019.

_____. *Livro das Donas e Donzelas*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2019.

BORELLI, Andrea. Adultério e a mulher: Adultério e a mulher: considerações sobre a condição feminina no direito de família no direito de família. Em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/01112009-113907borelli.pdf>

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* – 18ªed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Campinas, 2004. Tese de doutorado. Unicamp/IFCH.

_____. *O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)*. Cadernos Pagu. Campinas, vol.12, p. 275-299, 1999.

FERREIRA, Ivanir. Mulher mais publicada na república foi barrada na ABL. Em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/escritora-mais-publicada-da-primeira-republica-foi-vetada-na-abl/>; acesso em 06/02/2021.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Org: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GINZBURG, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

LOBO, Luiza, *Guia de escritoras da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ; FAPERJ, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del Priore; PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MAZZA, L. R. M. *O papel da mulher no início do século XX ao XXI, tendo como parâmetro o código civil de 1916 e 2002*. Em: <https://luanmachado.jusbrasil.com.br/artigos/205899704/o-papel-da-mulher-no-inicio-do-seculo-xx-ao-xxi-tendo-como-parametro-o-codigo-civil-de-1916-e-2002>.

MOREIRA, Nadilza M. de Barros, *Júlia Lopes de Almeida e o Universo Feminino, Carioca*,

Burguês. em: livro das noivas. Em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2349/2083>.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*, São Paulo: Contexto, 2006.

SEPULVEDA, Denize. *Os currículos escolares para os meninos no Instituto Ferreira Viana e os currículos escolares para as meninas no Instituto Profissional Orsina da Fonseca (1923-1933): um diálogo possível?* Relatório Final do Estágio de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2020.

SEPÚLVEDA & SEPÚLVEDA. José Antônio, Denize. *Trabalhando questões de gêneros: criando e recriando currículos para a valorização do feminino*. *Periféria*, v. 11, n. 4, p. 58-80, set./dez, 2019a.